

O DIA MAIS FRIO: Capítulo 1 - Satélite Alasca

26 de abril de 2640. Olho pela vigia panorâmica e vejo o planeta que se recusa a morrer.

Meu nome é Alexis Vance. Tenho 49 anos, uma esposa e uma filha, e moro a 410 quilômetros da superfície do planeta, no que costumávamos chamar de espaço. Minha casa é a Estação Orbital 11, conhecida pelo apelido de Satélite Alasca.

Sou um cientista, o que, nesta era, significa ser um servo privilegiado da Nexus Corporation. Minha divisão é a de Robótica, e meu projeto é o mais crucial da nossa cadeia produtiva: o desenvolvimento do cérebro artificial da última e mais complexa versão dos humanoides.

Nossos antepassados destruíram o planeta com o aquecimento global, mas a Terra encontrou sua própria vingança. Os gases pesados que se dispersaram na atmosfera fizeram o clima inverter, bloqueando o calor do sol e forçando o planeta a esfriar novamente. A vida lá embaixo é caótica e brutal. O eixo de rotação do planeta está seriamente desalinhado, e seu núcleo se move de maneira errática.

Vivemos sob um cobertor denso de gases que bloqueiam totalmente a luz solar. Os reflexos vermelhos que vemos no céu da Terra não são do sol; são o brilho das incessantes tempestades elétricas geradas pelo atrito das partículas suspensas nas nuvens. Vez ou outra, uma "janela" se abre, as nuvens se dissipam e o sol incide violentamente sobre a superfície. É um evento perigoso: o sol abrasante desses momentos poderia causar incêndios e danos irreparáveis. Felizmente, as cidades flutuantes estão preparadas, protegidas por domos (bolhas) que as resguardam tanto do sol repentino quanto das intempéries de uma atmosfera completamente desregulada.

Graças a materiais revolucionários criados nos últimos séculos, extrair água potável do mar se tornou um processo de baixo custo. Mais do que isso, inventamos dispositivos que permitem retirar energia e oxigênio diretamente das águas. Foram esses avanços tecnológicos que nos permitiram, hoje, habitar os oceanos.

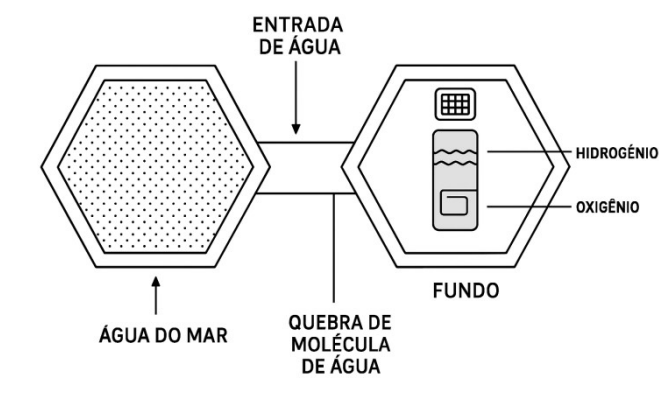


Figura 1 – célula de dissociação

Eu vivo bem. As estações orbitais são o ápice do luxo e da eficiência, uma utopia de serviço e qualidade de vida. Nossa água, mesmo a 410 quilômetros de altura, é mais pura do que qualquer coisa que a Terra produzia antes do colapso. No Satélite Alasca, não falta absolutamente nada. É um paraíso de altíssima segurança... mas com uma cláusula de rescisão.

Estou ciente da minha situação. Se eu falhar em cumprir minha meta, se eu não entregar o novo modelo de cérebro humanoide funcional dentro do prazo, serei removido. Isso implicaria ser remanejado para um projeto de menor importância e, conseqüentemente, realocado para uma área menos nobre e privilegiada, como as colmeias oceânicas. Não posso falhar. Preciso fazer jus a cada privilégio que a Nexus Corporation me concede.

A história da água é o nosso testamento de fragilidade. Séculos atrás, ela se tornou o problema final. Os mananciais e bacias hidrográficas inteiras foram dizimados. A natureza estava arruinada, os animais extintos; a humanidade ficou, de fato, por um triz. Foi aí que as grandes multinacionais entraram em cena com campanhas desesperadas para restaurar os recursos do planeta. Os centros de pesquisa nunca foram tão úteis. A Coca-Cola, em um esforço megalomaniaco, tentou manter todas as fontes de água doce do mundo sob seu controle.

Não durou. Poucas gerações depois, a ambição corporativa teve que se curvar à realidade da sobrevivência. A solução foi construir dessalinizadores oceânicos gigantescos para evitar que a humanidade morresse de sede. Hoje, a água é abundante de novo. Mas não se engane: a crise climática nos ensinou que a vida só é permitida onde há utilidade. E se eu não for útil aqui no Alasca, serei descartado para as profundezas.



Figura 2 –dessalinizador oceânico